

## A PRESENÇA DO ROMANCE DE FORMAÇÃO NO DISCURSO DA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: O CASO DE MICHEL LAUB

Naiara Alberti Moreno (UNESP-FCLAr - CAPES)<sup>1</sup>

**Resumo:** A ideia de “romance de formação”, tradução do termo *Bildungsroman*, tem-se mostrado bastante produtiva, mas também bastante problemática aos estudos literários brasileiros. A complexidade deve-se, entre outras razões, à ancoragem histórica de sua origem, em contraposição à expansão de seu emprego ao longo do tempo. Propõe-se, com este trabalho, uma contribuição para o rastreamento dos usos do termo pela crítica literária brasileira deste século. Para tanto, confere-se enfoque à fortuna crítica do escritor Michel Laub: o discurso em torno de suas obras recorre frequentemente à ideia de “romance de formação”. Finalmente, espera-se reconhecer o que está sendo entendido como romance de formação nesse universo crítico.

**Palavras-chave:** *Bildungsroman*; romance de formação; crítica literária; Michel Laub.

Um expediente que se faz notar no discurso da fortuna crítica do escritor brasileiro Michel Laub (1973-) consiste na associação de sua produção ao chamado “romance de formação”, tradução corrente em língua portuguesa do termo original alemão *Bildungsroman*. Para além de um fato isolado, restrito às leituras da obra de Laub, um breve mapeamento do estado da questão deixa ver que o procedimento está presente também em apreciações voltadas a muitos outros escritores brasileiros contemporâneos, como Daniel Galera, Cristóvão Tezza, Conceição Evaristo, o que indicia um fenômeno aparentemente significativo no âmbito da crítica literária deste início de século.

Essa tendência, no entanto, revela um impasse, tornando-se um problema aos estudos literários e levantando uma série de questões que não foram até o momento suficientemente discutidas: seria pertinente utilizar um conceito concebido para designar obras alemãs do final do século XVIII e, deslocando-o, associá-lo a produções literárias brasileiras que emergem no século 21? O que a crítica de Laub tem entendido como romance de formação ao realizar esse movimento? De qual formação se está falando, afinal? Este trabalho visa responder essas questões, ao menos parcialmente, pela demonstração dos modos como o termo tem sido empregado pela crítica do autor. Para delimitar a discussão, convém esclarecer que se elege aqui a fortuna crítica dos romances de Laub por ser ela uma das mais representativas dessa ocorrência, uma vez que parte considerável dos romances do autor já foi associada à ideia de romance de formação.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras (UNESP – Assis), Mestra e doutoranda em Estudos Literários (UNESP – Araraquara). Contato: [naiara.moreno@fclar.unesp.br](mailto:naiara.moreno@fclar.unesp.br).

Um exemplo recente da aproximação dos romances do autor<sup>2</sup> ao romance de formação está na matéria de capa de uma das edições do jornal *Cândido*, publicação da Biblioteca Pública do Paraná sobre literatura: em agosto de 2017, o número 73 do jornal traz na capa o título da matéria especial “A conquista de si mesmo”, com a seguinte chamada: “Elaborado desde a Grécia Antiga, o romance de formação apresenta o processo de amadurecimento humano e atualmente é reinventado por autores como Karl Ove Knausgard e Michel Laub”. Assim, interessa destacar a representatividade que o nome do autor alcançou em relação ao romance de formação, tornando-se uma espécie de expoente do gênero na literatura brasileira contemporânea.

Michel Laub contribui também para a criação desse imaginário discursivo, conforme atestam várias entrevistas. Em 2013, por exemplo, em entrevista concedida a Ricardo Ballarine, responsável pelo Blog *Capítulo 2*, o autor declarou: “Quanto ao ‘romance de formação’, aí sim dá para identificar um modelo mais ou menos clássico no qual me enquadro. Mas, novamente, *é só um modelo*” (LAUB, 2013b, grifo nosso). Essa especificidade de sua produção também é salientada pelo autor ao pensar suas narrativas em relação às de outros escritores, cujas obras igualmente têm sido vinculadas ao romance de formação:

Basta tornar o critério um pouco mais geral, e alguma coisa você vai ter em comum com muita gente. [...] *Diário da queda* pode ser lido como um romance de formação tanto quanto *Azul do filho morto*, do Marcelo Mirisola, *Mãos de cavalo*, do Daniel Galera, *Chove sobre minha infância*, do Miguel Sanches Neto, e tantos outros. (LAUB, 2011b).

É justamente essa compreensão de romance de formação como critério “um pouco mais geral” que aparece também em seu discurso crítico. Soa problemático que essa associação, apesar de recorrente, seja feita, em geral, de modo superficial, sem que se fundamente teoricamente a noção de romance de formação. Em geral, mesmo quando se busca algum embasamento sobre o conceito, isso é feito de modo fugaz e pouco convincente.

---

<sup>2</sup> Michel Laub estreou na literatura com o livro de contos *Não depois do que aconteceu* (1998) e, desde então, tem se dedicado à escrita exclusivamente de romances, tendo publicado até o momento sete títulos: *Música anterior* (2001), *Longe da água* (2004), *O segundo tempo* (2006), *O gato diz adeus* (2009), *Diário da queda* (2011), *A maçã envenenada* (2013) e *O tribunal da quinta-feira* (2016).

A fim de ilustrar como essa superficialidade se manifesta na crítica de Laub, transcreve-se, a seguir, um excerto do crítico Luís Augusto Fischer, ao comentar o segundo romance de Laub, ocasião em que arrisca uma conceituação genérica e apenas temática do que seria o romance de formação:

Apareceu um belo romance de formação na praça: *Longe da Água*, de Michel Laub. Romance de formação é aquele em que se narra a juventude e a entrada na maturidade de alguém, o processo doloroso e inescapável pelo qual todos nós passamos, pagando o preço de sair de um mundo mais leve, descompromissado e cheio de novidades para entrar num ambiente muito mais cinza, regrado e rotineiro. (FISCHER, 2004).

Para compreender a complexidade dessa aproximação, vale lembrar que a singularidade do conceito de *Bildung*, fundamental ao advento do *Bildungsroman*, é tamanha que o professor e pesquisador Willi Bolle adverte para a incapacidade de traduções conseguirem resguardar as acepções contempladas pelo termo alemão e explica sua abrangência:

É um conceito de alta complexidade, com extensa aplicação nos campos da pedagogia, da educação e da cultura, além de ser indispensável nas reflexões sobre o homem e a humanidade, sobre a sociedade e o Estado. É até hoje um dos conceitos centrais da língua alemã, que foi revestido de uma carga filosófica, estética, pedagógica e ideológica sem igual o que só é possível entender a partir do contexto da evolução político social da Alemanha. (BOLLE, 1997, p. 14-15).

A crítica literária, ignorando tal dimensão, salvo raras exceções, tem feito aproximações ligeiras e despreocupadas entre o *Bildungsroman* e diversos autores brasileiros. Beatriz Resende (2008), por exemplo, no primeiro capítulo de seu livro *Contemporâneos*, defende a necessidade de “deixar jargões tradicionais do trato literário”. No entanto, paradoxalmente, intitula a resenha dedicada a Daniel Galera como “O *Bildungsroman* da contemporaneidade”. Nela, a autora, de modo semelhante a Fischer, apenas alude à transformação do protagonista, sua adolescência e ritos de passagens. Isso seria suficiente para se falar em *Bildungsroman*?

Essa superficialidade e vagueza com que geralmente se trata o assunto em relação aos escritores contemporâneos têm despertado um compreensível incômodo. Isso é o que se nota nas considerações de Vinicius Justo (2013) ao resenhar um livro de crítica

literária, *O futuro pelo retrovisor* (CHIARELLI et. al., 2013), no qual alguns pesquisadores também convocam o termo para suas análises:

a associação de Galera ao *Bildungsroman* é feita de modo apressado e pouco convincente por Leila Lehnen – caberia se aprofundar mais nas especificidades que *Mãos de cavalo* apresenta, evitando apenas pinçar os poucos elementos que permitem a comparação, que acaba ficando um tanto frouxa.

Logo, pode-se dizer que a lacuna aqui apontada nos estudos sobre o Laub tem também aparecido no discurso crítico sobre outros romancistas. A despeito das declarações genéricas que associam toda a produção de Laub ao romance de formação, a parcela da fortuna crítica do autor que tenta especificar essa relação, indicando de fato as obras, restringe-a, especialmente, aos romances *Longe da água* (2004), *O segundo tempo* (2006), *Diário da queda* (2011) e *A maçã envenenada* (2013). É sobre tais obras, portanto, que versam os textos críticos a serem apresentados. A ordem de exposição dos comentários a serem analisados tentará atender à cronologia de publicação dos romances, também como modo de favorecer, ao longo da reconstrução do panorama da recepção crítica das obras, uma certa manutenção temática ao que se apresenta. Essa apresentação, no entanto, não se quer exaustiva ou cabal, trata-se antes de uma amostragem.

Importa ainda esclarecer que os textos selecionados são de natureza e qualidade variável e vão desde trabalhos acadêmicos, divulgados por revistas conceituadas, resenhas publicadas em jornais e revistas por críticos renomados até publicações em *blogs*, por leitores nem sempre especializados e que são, por vezes, também ficcionistas. Optou-se por manter essa abrangência por entendê-la como uma necessidade imposta pelo próprio objeto de estudo, uma vez que, dada a proximidade temporal em relação à publicação dos livros de Laub, sua fortuna crítica ainda está se constituindo e um critério mais restritivo poderia atenuar ou distorcer a dimensão do problema.

Além disso, o levantamento talvez indique onde e por quem está sendo feita a crítica literária brasileira hoje: o espaço para a crítica nos meios tradicionais está diminuindo, conforme explica o professor de teoria literária Eduardo Sterzi ao jornal *Cândido* (SANTOS, 2014). Mas é com otimismo que ele observa o fenômeno, entendendo que talvez nunca se tenha feito tanta crítica literária no Brasil quanto atualmente, momento em que seu desenvolvimento acontece também em plataformas digitais.

Este percurso, aliás, começa pelas margens do texto literário. O texto que aparece na orelha de *Longe da água* corresponderia, na terminologia de Genette (2009), a um peritexto, tipo de paratexto que integra espacialmente a unidade da obra, circunda o texto dentro do próprio espaço da obra, sugerindo possibilidades de leitura. Na orelha de *Longe da água* (2004), o segundo romance do escritor, lê-se:

[...] a um mote inicial quase ingênuo – um breve namoro de verão – segue-se o intenso relato de uma formação intelectual e afetiva. [...] Estamos no terreno pantanoso da adolescência, de onde às vezes não se sai sem marcas. Tudo é carregado de uma simbologia ambígua, que oscila entre a experiência comum, tantas vezes já vivida e narrada, e o risco sempre presente – no primeiro beijo, na primeira briga da escola, nos primeiros contatos com o sexo, a desilusão amorosa e a morte. [...] [O protagonista] aprende forçosamente o que significa deixar a inocência para trás. [...] são as etapas necessárias para entrar no que “se chama de mundo adulto”.

Sem necessariamente mencionar “romance de formação” ou “*Bildungsroman*”, o peritexto sugere uma leitura da obra que vai ao encontro de textos posteriores, como a resenha de Luís Augusto Fischer (2004) mencionada anteriormente, que atrela a essas características a ideia de “romance de formação”. Nesse texto, intitulado “Surfe, namorada e uma tragédia”, publicado na *Folha* em 10 de maio de 2004, o crítico conceitua o romance de formação sobretudo tematicamente, como uma narração sobre o período da juventude e a entrada na maturidade, o momento em que se sai de um “mundo mais leve, descompromissado e cheio de novidades para entrar num ambiente muito mais cinza, regrado e rotineiro” (FISCHER, 2004).

Em comum, tanto o peritexto destacado como a resenha de Fischer exploram um léxico com um mesmo campo semântico: alude-se a um processo doloroso, de sofrimento e de aprendizado, a uma formação do protagonista no período da adolescência, da juventude rumo à maturidade, formação marcada por experiências de iniciação, etapas relacionadas à perda da inocência, como a descoberta do amor e do sexo, a socialização, os conflitos no ambiente escolar e a dor da morte. Essa noção de um período de transição, marcado pelo aprendizado advindo de experiências dolorosas, trágicas, aparece também na orelha do romance de 2006, *O segundo tempo*:

Como toda história sobre ritos de passagem, *O segundo tempo* equilibra-se numa ambiguidade. Se é verdade que as tragédias marcam para sempre a vida de um indivíduo, são elas também que o formam,

num processo de aprendizado sem o qual é impossível avançar com consciência.

Em 2007, Carlos André Moreira, jornalista e ficcionista, editor do blog *Mundo Livro* do jornal gaúcho *Zero Hora*, escreve a resenha “Um tempo longe da água”, uma apreciação comparativa entre *Longe da água* e *O segundo tempo*. Sobre a narrativa deste último, afirma: “É o protagonista sendo chamado a ser adulto”. Tanto essa declaração quanto a que segue, sobre *Longe da água*, ecoam as ideias dos textos de orelha dos romances, bem como os apontamentos de Fischer:

[*Longe da água* é] uma sensível *história de formação* escrita com uma certa estrutura que Laub usou com sucesso em mais de uma obra: o narrador é um adulto que relembra em algum ponto indefinido no futuro uma *experiência* que teve no passado, e que pode ser ampla, como toda uma infância, uma adolescência e uma vida profissional em *Longe da Água*, [...] como breve, restrita a um intervalo específico de tempo, como no citado *O Segundo Tempo*. (MOREIRA, 2007 - grifos nossos).

A resenha reconhece ainda no romance de 2004 a “formação emocional do jovem”, explicada como “a infância e a adolescência [...]; as dificuldades de interação na escola; a timidez que determina uma vida cercada de livros e a descoberta do amor na figura da ex-namorada do melhor amigo” (MOREIRA, 2007). O texto remonta, portanto, à apresentação do livro, em que se apontava a formação intelectual e afetiva do protagonista e suas experiências de aprendizado do amor e de conflitos no meio escolar. O resenhista conclui: “A novela de Laub brinca com a estrutura clássica do romance de formação. As experiências de juventude envolvendo Laura e Jaime só vão completar o ciclo de amadurecimento do narrador depois que ele e a garota se reencontrarem” (MOREIRA, 2007).

Igor Ximenes Graciano, professor e pesquisador, publica uma resenha de *O segundo tempo*, em 2007, na revista *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, texto no qual relaciona a obra ao romance de formação. Partindo de uma perspectiva semelhante à dos demais críticos, para ele, o que justificaria o romance seria o processo de transformação da personagem principal, entendido como um período de transição, um entre-lugar, o tempo da adolescência, entre a infância e a vida adulta:

[...] Saber da verdade sobre o pai, compreender as razões da mãe e, diante disso tudo, proteger o irmão caçula, afinal “uma família não é mais do que isso, um cuidar do outro, não deixar o outro sofrer, não

abandonar o outro, não trair, não pisar em cima” (p. 30), revelam a aproximação de Laub da tradição do *Bildungsroman*, o romance de formação, pelo menos em suas características básicas. Saber de um segredo e ter de lidar com suas implicações constituem o caminho e o estágio final da trajetória do protagonista, da criança ao adulto em que ele veio a se transformar (XIMENES GRACIANO, 2007, p. 270).

Embora Ximenes não explique o que compreende como “características básicas” do romance de formação, os elementos que levanta em sua análise apontam para a mesma percepção dos demais autores aqui arrolados, ao buscarem justificar a associação que estabelecem em vista dos aspectos temáticos das obras.

Na edição de maio de 2011 do jornal *Rascunho*, o escritor e crítico literário Luiz Paulo Faccioli escreve uma resenha sobre o lançamento de *Diário da queda*, intitulada “Um legado incontornável”. No olho do texto, lê-se a seguinte frase: “No romance de formação *Diário da queda*, Michel Laub trata de culpa e judaísmo e produz seu trabalho mais completo”. No corpo do texto, Faccioli propõe ser o romance de formação “talvez” o “enquadramento mais adequado” à obra e, sem explicar o que seria exatamente isso, alude ao trauma geracional representado na narrativa, ao ser contada por um judeu, neto de um sobrevivente de Auschwitz, que se vê de algum modo afetado por esse “legado incontornável” da experiência do avô:

Um romance de formação, talvez seja esse um enquadramento mais adequado, que lida com as conseqüências, sempre incontornáveis a um judeu, do que sofreram os antepassados. E não há um único parágrafo no livro que não esteja relacionado a isso. (FACCIOLI, 2011, p. 4).

Em 2016, na revista *SocioPoética*, Paulo César Oliveira, professor e pesquisador, publica o artigo “Escritas de si e do outro nas ficções etnobiográficas de Bernardo Carvalho e Michel Laub”, texto no qual relaciona *A maçã envenenada* ao romance de formação. O autor o faz, destacando-se em comparação aos críticos anteriores, procurando embasar-se em *A estética da criação verbal*, de Mikhail Bakhtin:

[...] Podemos ainda ler a obra como uma espécie particular de romance de formação, em que acompanhamos, embora não linearmente, o desenvolvimento de um sujeito construído por uma narrativa “que produz a imagem do homem em formação”, para usarmos a feliz expressão de Mikhail Bakhtin (2003, p. 219). Neste sentido, serão a história dos afetos e a narrativa do indivíduo e seu processo de amadurecimento, entrecortado por dúvidas, expectativas e experiências frustradas, as duas matérias vertentes essenciais endereçadas ao leitor.

Em uma passagem d' *A maçã envenenada*, o narrador, do alto de seus quarenta anos, se dirige indiretamente aos leitores implícitos, quando faz um balanço melancólico e autoirônico de seus anos de aprendizado [...] (OLIVEIRA, 2016, p. 106).

Paulo Oliveira demonstra entender a linearidade como um aspecto do romance de formação que Laub transgrediria em sua obra. O pesquisador também se vale de um campo lexical aproximado do discurso dos demais críticos, ao se referir a “processo de amadurecimento”, “experiências frustradas” e “anos de aprendizado”, expressão esta que, aliás, alude ao romance paradigmático do gênero. Em outra passagem, Oliveira (2016) faz menção a “processos de autoconhecimento”, “dramas do crescimento e das descobertas vividos por um sujeito em formação”, indicando também o processo de amadurecimento pelo qual o protagonista de *A maçã envenenada* passaria.

Outro trabalho que também se destaca, ao procurar respaldo para o estabelecimento da associação que estamos rastreando, é o da professora e pesquisadora Gisele Novaes Frighetto (2017), em sua tese. Embora a questão do romance de formação seja periférica ao trabalho, essa é, certamente, a reflexão que explorou o tema mais verticalmente até o momento.

Depois de remontar brevemente às especificidades do surgimento do gênero romanesco, Frighetto justifica a associação do romance de Laub “ao *Bildungsroman*, ou romance de formação” destacando a “*harmonia* encontrada pelo narrador ao fim de seu relato, e o traçado da trajetória do protagonista do seu começo até chegar a um grau de experiência e *bem-aventurança*” (FRIGHETTO, 2017, p. 178, grifos nossos). Ao aproximar o romance de Laub de definições clássicas do conceito, aludidas pela dimensão da “*harmonia*” final e “*bem-aventurança*”, a autora estabelece, portanto, uma nova leitura do romance, não explorada pelos outros comentários críticos elencados.

Na sequência, Frighetto, amparando-se no trabalho de Patricia Maas (2000), afirma que a “modalidade representa o ideário burguês ao inscrever de modo realista o homem comum, que alcança meios para se autoaperfeiçoar na vida”. A partir daí, reconhece-se a adesão consciente da autora a uma perspectiva ampliada da “modalidade”, que nega, portanto, sua restrição às letras germânicas: “Embora remonte ao moderno romance alemão, o romance de formação se expandiu tanto na forma quanto no alcance, dando origem a uma linguagem que abriga manifestações diversas” (FRIGHETTO, 2017, p.

179). Apontam-se os três elementos que, em sua visão, o protagonista teria em comum com o *Bildungsroman*:

O protagonista de *Diário da queda* reúne três elementos comuns ao *Bildungsroman*: a narrativa de um processo de descobrimento e de orientação no mundo, já que a consciência sobre o passado livra o narrador de seus traumas; a presença de uma trajetória de vida feita de enganos e equívocos, corrigidos no transcorrer da história, como os conflitos vivenciados pelo protagonista, que por fim abandona os comportamentos autodestrutivos que adquirira, e a vivência de experiências intelectuais ou de ordem pública que demarquem a saída da casa paterna, neste caso, a ida para São Paulo e o trabalho como jornalista e escritor. (FRIGHETTO, 2017, p. 178)

Finalmente, apenas para ilustrar como esse discurso que associa os romances de Laub ao romance de formação está se fazendo presente também na crítica literária internacional, mencionam-se dois textos: o artigo do professor e pesquisador Miguel Koleff, intitulado “Acerca del luto y la melancolia en las literaturas lusófonas. El caso de Michel Laub”, publicado em 2015 na *Revista de literatura y culturas comparadas*, da Universidad Nacional de Córdoba, da Argentina; e a resenha „Das Gefängnis der Erinnerung“ [“A prisão da memória”], de Piero Salabè, publicada em 2014 no jornal alemão *Neue Zürcher Zeitung*. O pesquisador Koleff (2015, p. 226) analisa os três primeiros romances de Laub e, em relação a *O segundo tempo*, obra que associa ao *Bildungsroman*, o autor chama a atenção para o tema da passagem para o mundo adulto e o processo de conscientização do herói:

Construída a partir de este hecho como idea central, *Segundo Tempo* se constituye en una novela de formación (*Bildungsroman*) adecuándose a su formato genérico. El "pasaje" hacia el mundo adulto es el motivo que acompaña la trama desarrollando un proceso de conscientización creciente.

A resenha de Salabè também não traz novidades em relação ao que se viu nos textos dos críticos brasileiros, demonstrando também compreender que a relação se pauta no processo de amadurecimento do herói. Segundo ele (SALABÈ, 2014), „Laub erzählt das alles in starkem Zeitraffer, denn er will in seinem Bildungsroman auf den Moment der Reifung des Protagonisten hinaus“ [Laub narra tudo isso em um vigoroso ritmo acelerado, pois ele deseja, em seu *Bildungsroman*, chegar ao momento de amadurecimento do protagonista – tradução nossa].

Conforme demonstrado, as menções ao romance de formação na fortuna crítica de Michel Laub, salvo exceções, costumam ser vagas e pouco desenvolvidas. Em geral, não se explica, claramente, o que se está chamando de romance de formação, tampouco evidencia-se uma teoria ou um uso especializado do termo que pudesse embasar as associações às obras do autor. Muitos comentários, em contrapartida, compartilham de um campo lexical bastante homogêneo, sugerindo que o romance de formação tem sido definido, por essa crítica, do ponto de vista principalmente temático: a narrativa de um processo de formação do protagonista, referente ao seu amadurecimento, marcado pela perda da inocência e tomada de consciência de si mesmo na passagem da infância à fase adulta. Embora esses autores apontem ao *Bildungsroman* como uma aparente chave de leitura para os romances de Michel Laub, a investigação dessa possibilidade é ainda precária e pouco desenvolvida. Pelo levantamento do estado da questão, este trabalho buscou ser uma contribuição para tal caminho investigativo.

## Referências

BOLLE, W. A idéia de formação na modernidade. In: Ghiraldelli Jr., P. (org.). *Infância, Escola e Modernidade*. Curitiba: Ed. UFPR, 1997. p. 9-32.

CHIARELLI, S., DEALTRY, G., VIDAL, P. (Orgs). *O futuro pelo retrovisor: inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

FACCIOLI, L. P. Um legado incontornável. *Jornal Rascunho*, ed. 133, p.4, Curitiba, mai. 2011.

FISCHER, L. A. Surfe, namorada e uma tragédia. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, São Paulo, 10 mai. 2004.

GENETTE, G. *Paratextos Editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê, 2009. (Artes do Livro: 7).

JUSTO, V. Retrovisor ou retrocesso? *Amálgama*. 11.06.2013. Disponível em: <http://www.revistaamalgama.com.br/06/2013/o-futuro-pelo-retrovisor/> Acesso em: 01.05.2016.

KOLEFF, Miguel. Acerca del luto y la melancolía en las literaturas lusófonas. El caso de Michel Laub. *Revista de Culturas y Literaturas Comparadas*, [S.l.], v. 2, dec. 2015. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/CultyLit/article/view/12850> . Acesso em: 09 Jun. 2018.

LAUB, M. *A maçã envenenada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *O segundo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Longe da água*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. Sobre herança e traumas. Entrevista concedida a Ricardo Ballarín. Blog *Capítulo 2*. 2013b. Disponível em: <https://capitulo2.com/2013/11/04/sobre-heranca-e-traumas-entrevista-com-michel-laub/> Acesso em: 18.04.2016.

\_\_\_\_\_. Laub, Paloma e Carola: três olhares sobre o contemporâneo. Entrevista concedida a Guilherme Freitas. *O Globo*. 03.09.2011. 2011b. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/laub-paloma-carola-tres-olhares-sobre-contemporaneo-403011.html> Acesso em: 08.04.2016.

MAAS, W. P. M. D. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: UNESP, 2000.

MOREIRA, C. A. Um tempo longe da água. *Mundo Livro* (Blog). 30 Jul. 2007. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/mundolivro/2007/07/30/um-tempo-longe-da-agua/?topo=13,1,1,,13&status=encerrado>. Acesso em: 16.03.2016.

OLIVEIRA, P. Escritas de si e do outro nas ficções etnobiográficas de Bernardo Carvalho e Michel Laub. *Sociopoética* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade do Departamento de Letras, v.1, n. 16, p.101-126 Campina Grande, Eduepb, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/REVISOCIOPOETICA/article/view/3424/1870>  
Acesso em: 12.06.2018.

RESENDE, B. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Biblioteca Nacional, 2008.

SALABÊ, P. Das Gefängnis der Erinnerung. *Neue Zürcher Zeitung*. 2014. Disponível em: <http://www.nzz.ch/das-gefaengnis-der-erinnerung-1.18272703> . Acesso em: 10.05.2016.

SANTOS, M. R. dos. Romance de Formação: Quando o ser está sendo. *Cândido*, Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba, n. 73, p. 20-27, ago. 2017. Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1331> .  
Acesso em: 02 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. A crítica em crise. *Cândido*, Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba, n. 33, p. 14-19, abr. 2014. Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=631>  
Acesso em: 08.06.2018.

XIMENES GRACIANO, I. Michel Laub - O segundo tempo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 29, 2007, p. 269-272. Universidade de Brasília. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127092016>. Acesso em: 22.06.2016.